



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES
PRÓ – REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA**

FRANCISCA REJANE SILVA CUNEGUNDES PEREIRA

**O USO DO FACEBOOK COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA EM SALA DE
AULA: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ESTADUAL
NAPOLEÃO ÁBDON DA NÓBREGA**

PATOS-PB

2014

FRANCISCA REJANE SILVA CUNEGUNDES PEREIRA

**O USO DO FACEBOOK COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA EM SALA DE
AULA: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ESTADUAL
NAPOLEÃO ÁBDON DA NÓBREGA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof.Ms. Ericson Robson de S. Bernardo

PATOS-PB

2014

UEPB - SIB - Setorial - Campus VII

P436u Pereira, Francisca Rejane Silva Cunegundes

O uso do Facebook como ferramenta pedagógica em sala de aula: um estudo de caso na Escola Estadual Napoleão Ábdon da Nóbrega [manuscrito] / Francisca Rejane Silva Cunegundes Pereira. – 2014.

42 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Prática Pedagógicas Interdisciplinares)–Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

“Orientação: Prof. Me. Ericson Robson de Sousa Bernardo, PROEAD, UEPB”.

1. Tecnologia em Educação. 2. Prática docente. 4. Redes sociais. 5. Facebook em Educação. I. Título.

21. ed. CDD 371.33

FRANCISCA REJANE SILVA CUNEGUNDES PEREIRA

**O USO DO FACEBOOK COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA EM
SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ESTADUAL
NAPOLEÃO ÁBDON DA NÓBREGA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

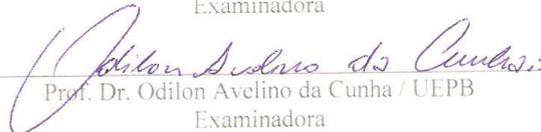
Aprovada em 28/06 2014.



Prof. Ms. Ericson Robson de S. Bernardo/IFPB
Orientador



Prof.(a) Ms. Rosângela de Araújo Medeiros / UEPB
Examinadora



Prof. Dr. Odilon Avelino da Cunha / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Ao meu Deus, pela sabedoria, companheirismo e amor incondicional, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Odilon Avelino, coordenador do curso de Especialização, por seu empenho.

Ao professor Ms. Ericson Robson de S. Bernardo pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pois essas leituras modificaram minhas práticas docentes. Concluo esta especialização diferente de quando a iniciei.

Ao meu esposo Narciso Pereira Filho, aos meus filhos Narciso Pereira Neto e Natã Cunegundes, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

À minha mãe Maria da Guia S. Cunegundes (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, seu exemplo de perseverança, impulsionou-me a ter forças e não desistir diante dos inúmeros obstáculos.

A todos os professores do Curso de Especialização da UEPB, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, em especial, a Lucas Simplício da Silva, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“A curiosidade que silencia a outra se nega a si mesma também. Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.”
(FREIRE, 1996, p.33)

RESUMO

O presente trabalho é o resultado de um estudo de caso sobre o uso do *Facebook* como ferramenta pedagógica em sala de aula na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Napoleão Ábdon da Nóbrega, no município de São Mamede. Inicialmente, apresentou-se o avanço das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), a velocidade nas informações e o quanto a Educação tem sido influenciada por essa realidade tecnológica, resultado do crescimento da globalização, inserindo a tecnologia no cotidiano, inclusive escolar. Objetivou-se, principalmente, analisar como a inserção da rede social *Facebook* pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa nas turmas de 2.º e 3.º anos do Ensino Médio da Escola aqui objeto de estudo. Dessa forma, estruturou-se a fundamentação teórica deste trabalho em três tópicos, a saber: Novas Tecnologias na Educação, Mídias e práticas docentes e Uso do *Facebook* como ferramenta na Educação. A fim de identificar a utilização da rede social *Facebook* como ferramenta para contribuição no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, proporcionando aulas mais dinâmicas e participativas, bem como relatar algumas possibilidades dos recursos de leitura e escrita dessa rede social (fóruns, grupos) como ferramenta pedagógica. O estudo revela as relações, frente às novas tecnologias, entre “imigrantes digitais” e “nativos digitais”. De um lado, a resistência de alguns professores nascidos antes da década de 1980 e de outro, a falta de concentração de alunos nascidos na era digital. Além disso, revelou-se a necessidade de ambos dialogarem no processo de ensino e aprendizagem para troca de experiências e uso pedagógico das novas tecnologias em benefício da Educação escolar. Destacou-se, também, a importância de oportunizar ao professor formação continuada sobre as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), uma vez que elas estão presentes na Educação e o docente pode utilizá-las em suas práticas. Afinal, o professor é fundamental para que essas novas tecnologias entrem de forma pedagógica na escola. Esta pesquisa traz importantes contribuições para o assunto, porquanto se verifica que as novas tecnologias aliadas ao processo de ensino e aprendizagem favorecem a Educação escolar. Assim, com o presente trabalho, constatou-se a importância das novas tecnologias para a Educação, analisando-se, em especial, as contribuições nas aulas de leitura e produção de texto.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias. Educação. Docente. Redes sociais. *Facebook*.

ABSTRACT

This work is the result of a case study on the use of Facebook as a pedagogical tool in the classroom at the Primary and High School Napoleon Abdon da Nobrega, in the São Mamede city. Initially, presented the advancement of ICT (Information and Communication Technology), the speed of information and how much education has been influenced by this technological reality, a result of growing globalization, inserting technology in everyday life, including school. The objective was primarily to analyze how the inclusion of the social network Facebook can contribute to the teaching of Portuguese Language in 2nd and 3rd year classes of the high school students of the School object of study. Thus, structured on the theoretical foundation of this work on three topics: New Technologies in Education, Media and teaching practices and use of Facebook as a tool in education. In order to identify the use of social network Facebook as a tool to aid in the teaching and learning process of the Portuguese language, providing more dynamic and participatory classes and report some of the possibilities of reading and writing resources that social network (forums, groups) as a pedagogical tool. The study reveals the relations given the new technologies, between "digital immigrants" and "digital natives." On one hand, the resistance of some teachers born before the 1980s and the others, the lack of concentration of pupils born in the digital age. Moreover, it proved the need for both to dialogue in the process of teaching and learning to exchange experiences and pedagogical use of new technologies for the benefit of school education. It was also highlighted the importance to offer for the teacher continuing education on ICT (Information and Communication Technology), since they are present in education and teacher can use them in their daily practices. After all, the teacher is key to these new technologies come in a pedagogical school. This research makes important contributions to the subject, because it appears that the new allied to the teaching and learning technologies to promote school education. Thus, the present work, contacted the importance of new technologies for education, analyzing in particular the contributions in class reading and text production.

KEYWORDS: Technologies. Education. Teacher. Social network. Facebook.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – DA INTERATIVIDADE NAS MULTIMÍDIAS.....	22
Quadro 2 – QUADRO SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	34
Quadro 3 – QUADRO COM VARIÁVEL DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	35
Quadro 4 – QUADRO SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO.....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– DO ACESSO À <i>INTERNET</i> PELOS ALUNOS	31
Tabela 2 – DO ACESSO À <i>INTERNET</i> PELOS PROFESSORES	32
Tabela 3 – DA UTILIZAÇÃO DA <i>INTERNET</i> PELOS ALUNOS.....	33
Tabela 4– DA UTILIZAÇÃO DA <i>INTERNET</i> PELOS PROFESSORES.....	33

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 1 – Gráfico sobre participantes da pesquisa, quanto ao gênero.....	31
Figura 2 – Gráfico sobre o acesso à internet pelos alunos questionados.....	32
Figura 3 – Gráfico sobre o acesso à internet pelos professores entrevistados.....	33

LISTA DE SIGLAS

EAD	Educação a distância
EEEFM	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVOS.....	15
2.1 OBJETIVO GERAL.....	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3.1 Novas Tecnologias na Educação.....	16
3.2 Mídias e Práticas Docentes.....	19
3.3 O uso do <i>Facebook</i> como ferramenta na Educação.....	244
4 METODOLOGIA.....	288
5 ANÁLISE.....	300
5.1 MEMORIAL DO OBJETO DE ESTUDO.....	300
5.2 ANÁLISE DE DADOS.....	300
5.2.1 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	300
5.2.2 ANÁLISE QUALITATIVA.....	304
5.2.3 Discurso do Sujeito Coletivo, na concepção dos alunos, quanto à maneira de a rede social <i>Facebook</i> contribuir para o ensino da Língua Portuguesa.....	344
5.2.4 Discurso do Sujeito Coletivo, na concepção dos professores, quanto à maneira de a rede social <i>Facebook</i> contribuir para o ensino da Língua Portuguesa.....	355
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	377
REFERÊNCIAS.....	388
APÊNDICE.....	411

1 INTRODUÇÃO

O avanço das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) nas últimas décadas está diretamente relacionado à aquisição e utilização das tecnologias modernas. *Tablets*, computadores e produtos de telefonia celular são vistos como itens de necessidade básica e sinônimos de modernização não apenas pessoal, mas recursos diferenciadores para qualquer instituição seja privada ou pública. Por isso, investe-se tanto em tecnologias, inclusive na área da educação.

Todo esse avanço é consequência do crescimento da globalização, inserindo a tecnologia no cotidiano. Assim, as informações e conhecimentos chegam com muita velocidade. Desse modo, considerando-se a problemática de se obter um processo de desenvolvimento cognitivo de forma mais dinâmica e desafiadora para educandos, faz-se necessário reconhecer a importância dessas tecnologias como ferramentas pedagógicas na área da educação.

Diante desse contexto de avanços tecnológicos, no qual educar tornou-se um desafio para os docentes, haja vista a velocidade de informações obtidas através do acesso às novas tecnologias da informação e comunicação, surge a necessidade de o professor fazer uso dessas multimídias, a fim de empregá-las EM favor do processo de ensino e aprendizagem. Apesar de o volume de informações ser imenso e instantâneo, não há garantia de que tais informações sejam distribuídas com igualdade. É preciso aprender a interpretá-las, de forma coesa, sintetizá-las. Para Kenski (2007, p. 25), “as transformações nos vêm tão velozmente ao ponto de nos impor novos ritmos, influenciando nossa maneira de considerar o mundo a nossa volta”. Porque, nesse contexto, não há mais a possibilidade de ser totalmente formado, é preciso adaptar-se ao estado permanente de aprendizagem.

E nessa era, o *Facebook* é um dos espaços virtuais mais atraentes, entretanto tem se tornado um empecilho quando usado em sala de aula pelo aluno sem orientação do professor. Desviando, assim, a atenção do aluno das explicações e realizações de atividades escolares.

Assim, frente a essa realidade, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de se conhecer mais as novas tecnologias, a fim de usá-las nas aulas de Língua Portuguesa, especificamente, nas turmas do 2.º e 3.º anos do Ensino Médio da EEEFM Napoleão Ábdon da Nóbrega no município de São Mamede-PB. Considerando-se que no contexto atual chamado de Era das novas tecnologias, é imprescindível ao professor aprofundar-se não

apenas nos conteúdos de sua disciplina, mas também nas pesquisas voltadas para as necessidades de se trabalhar esses conteúdos aliados às multimídias, para desenvolver melhor suas práticas pedagógicas, apropriando-se de recursos tecnológicos à sua disposição. Dessa forma, buscar nas novas tecnologias ferramentas para possibilitar aulas mais dinâmicas e interativas, condizentes com as necessidades dos alunos chamados por Palfrey&Gasser (2011, p.30) de “nativos digitais”.

Além disso, não são de hoje as tecnologias. Elas são engenhosidades humanas e estão associadas à evolução da espécie. Mas ainda há o medo de se adaptar ao novo, àquilo nunca antes visto ou, pelo menos, enfrentado. É certo ser a maioria dos alunos “nativos digitais”. Eles possuem mais familiaridade com as multimídias. No entanto, isso não lhes garante a maturidade para extrair pedagogicamente os conhecimentos necessários para seu desenvolvimento cognitivo. É exatamente aqui que aparecem os docentes, orientando-os. A educação contemporânea aponta para a necessidade de reverem-se métodos, repensar e de avaliar o processo de ensino e aprendizagem, de forma mais flexível e abrangente, a fim de adentrar em áreas condizentes com as expectativas de uma geração nascida na era das novas tecnologias.

Por isso, analisam-se, aqui, algumas possibilidades de se utilizar o *Facebook* como aliado nas aulas de leitura e escrita, visando contribuir para um melhor desempenho no rendimento dos alunos. Pois eles ainda sentem muita dificuldade quanto ao hábito de leitura e produção de texto. Assim, neste trabalho, intenciona-se expor as mais diferenciadas formas de como apropriar-se de ferramentas tecnológicas, detendo-se a identificar o *Facebook* como ferramenta para contribuição no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Logo, de acordo com o contexto apresentado, questiona-se: Como usar o *Facebook* nas aulas de Língua Portuguesa, de forma a abstrair e absolver os conteúdos da disciplina e específicos do Ensino Médio? Aqui, especificamente, as turmas de 2.º e 3.º anos do Ensino Médio. Como envolver os alunos, a fim de atingir objetivos para resultados satisfatórios no processo de ensino e aprendizagem?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar como a inserção da rede social *Facebook* pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa nas turmas de 2.º e 3.º anos do Ensino Médio da EEEFM Napoleão Ábdon da Nóbrega no município de São Mamede-PB.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar a utilização da rede social *Facebook* como ferramenta para contribuição no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa;
- Identificar como o *Facebook* pode proporcionar aulas mais dinâmicas e participativas;
- Identificar algumas possibilidades dos recursos de leitura e escrita da rede *Facebook* como ferramenta pedagógica.

3REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico da presente pesquisa está estruturado em três tópicos, a saber: Novas Tecnologias na Educação; Mídias e Práticas Docentes e Uso do *Facebook* como ferramenta na Educação.

3.1 Novas Tecnologias na Educação

A comunicação está atrelada ao desenvolvimento da espécie humana. Desde cedo, percebe-se a busca do indivíduo para interagir com seus semelhantes. E essa interação o leva a uma atitude dialógica, fazendo-o sentir-se sujeito do meio onde vive. Por isso, é imprescindível que a Educação esteja pautada em um processo que privilegie a aprendizagem dos alunos em relações dialógicas. Para Freire (1987, p.68), “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Essa dialogicidadefreireana considera tais relações fundamentais para a Educação, segundo as quais, o processo de ensino-aprendizagem deve ser feito de forma coletiva e dialógica. Ou seja, o processo não deve ser centralizado no docente, mas construído a partir de uma relação de troca de experiências entre professor e aluno. Especialmente quando se trata das novas tecnologias na Educação.

Chaves (2011), citando Sócrates, diz que este educava dialogando na praça – local onde as pessoas costumavam ir – e esse diálogo centrava-se nos interesses dos interlocutores e não do mestre. Ou seja, os alunos participavam ativamente no processo de forma personalizada, visando sua aprendizagem efetiva. Percebe-se que cada contexto exige uma postura dialógica da Educação e as pessoas nela envolvidas. Em Sócrates, as praças eram o espaço para interação de conhecimento, troca de saberes focada nos interesses das pessoas que o buscavam. Entretanto, com o tempo, o foco da Educação foi se voltando para outros interesses. Chaves (2011) diz que a educação foi perdendo sua personalidade, à medida que os interesses do processo foram transferidos dos alunos para o professor ou escola.

Assim, em vez do questionamento dialógico, o ensino passou a ser através de aulas unidirecionais, adotando métodos centrados nas ideias dos mestres em lugares específicos, fechados e afastados da realidade – a escola. E o modelo de escola moderna foi se consolidando, moldando a comunidade nela inserida a partir dos interesses impostos e controlados pelo Estado. Passou, portanto, a receber uma educação de massa. Na qual, o protagonismo estudantil e o método dialógico socrático se perderam totalmente. Nesse

contexto de conflitos na Educação, surgem as Tecnologias da Informação e Comunicação. É interessante, observar-se o seguinte conceito proposto sobre tecnologias:

O conceito de novas tecnologias é variável e contextual. Em muitos casos, confunde-se com o conceito de inovação. Com a rapidez do desenvolvimento tecnológico atual, ficou difícil estabelecer o limite de tempo que devemos considerar para designar como ‘novos’ os conhecimentos, instrumentos e procedimentos que vão aparecendo. O critério para identificação de novas tecnologias pode ser visto pela sua natureza técnica e pelas estratégias de apropriação e de uso. [...] Ao se falar em novas tecnologias, na atualidade, estamos nos referindo, principalmente, aos processos e produtos relacionados com os conhecimentos provenientes da eletrônica, da microeletrônica e das telecomunicações. (KENSKI, 2007, p.25)

Ou seja, essas tecnologias são evolutivas. Estão em permanente transformação. São recursos de base imaterial, logo, não são tecnologicamente materializadas em máquinas e equipamentos. Têm como principal matéria-prima a informação em um espaço de ação virtual. Embora, as Tecnologias da Informação e Comunicação surjam como resposta às necessidades de avanços oriundos de um mundo globalizado, continuaram pautadas em um modelo tradicional de educação, voltado, basicamente, para a transmissão de informações (o Telecurso, o Ensino a Distância, o *site* na *web*, por exemplo). Assim, o modelo tradicional é reproduzido e conservado nesses espaços virtuais. Entretanto, diante do cenário tecnológico e seus avanços, a Educação a Distância expandiu-se, consideravelmente, em muitos países. Bezerra & Carvalho (2011) falando sobre a EAD apresentam que:

Especialistas de diferentes áreas começam a enxergar as possibilidades dessa modalidade de ensino, E, além disso, as universidades tradicionais começam a experimentar a educação a distância depois de ignorar por muito tempo essa modalidade educacional. (p.233)

O contexto globalizado, portanto, exige velocidade nas informações, na comunicação, por isso as novas tecnologias provêm de outras já existentes, que se tornam ultrapassadas a partir de outras vistas como um novo método para resolução de problemas. Para Andrade; Damasceno; Lima (2013):

Sempre surge para executar tarefas que a existente não tem suporte ou para executar tarefas em menor tempo que a tecnologia que já existe: o chamado aperfeiçoado ou evolução objetivando redução de tempo na execução da atividade, redução de custo e aumento de lucros. As tecnologias e seus avanços são frutos do capitalismo. A evolução da humanidade a partir da descoberta do fogo, da roda, da energia etc., é um exemplo claríssimo de análise diacrônica da história das tecnologias. (p.2)

Com base nesses conceitos, conclui-se que as novas tecnologias exigem adaptação ao novo e apropriação de técnicas para o uso desses equipamentos como fonte de abstração de conhecimentos. Em especial na Educação, já que, conforme Bezerra & Carvalho (2011), o acesso rápido a várias informações a qualquer momento e para toda parte, ocasiona maior eficácia da aprendizagem e, conseqüentemente, favorece a democratização do saber, abrindo espaço para a inclusão digital e social.

Dessa forma, após a oficialização dessa modalidade de ensino no Brasil, pela LDB – 9.394, de 20 de dezembro de 1996 –, o processo de ensino e aprendizagem realizado a distância passa a ser mediatizado, considerando a interação do aluno com o docente por meio da tutoria. Não podendo, no entanto, ser essa modalidade vista como substituta da educação convencional – presencial – uma vez que representam modalidades diferentes. Ora, a escola é um espaço social de formação do cidadão, cuja educação é procurada pela sociedade moderna para garantia de uma educação propiciadora de conhecimentos e melhor qualidade de vida:

A escola representa na sociedade moderna o espaço de formação não apenas das gerações jovens, mas de todas as pessoas. Em um momento caracterizado por mudanças velozes, as pessoas procuram na educação escolar a garantia de formação que lhes possibilite o domínio de conhecimentos e melhor qualidade de vida. Por sua vez, na ação do professor na sala de aula e no uso que ele faz dos suportes tecnológicos que se encontram à sua disposição, são (novamente) definidas as relações entre o conhecimento a ser ensinado e a forma de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem pelos alunos. (KENSKI, 2007, p.19)

Ou seja, escola é espaço de interação e as novas tecnologias possibilitam a rapidez na comunicação. A troca de informações, conhecimentos e saberes. Para Moran (2007,p.1), “Há um diálogo crescente, muito novo e rico entre o mundo físico e o chamado mundo digital, que impactam profundamente a educação escolar e as formas de ensinar e aprender a que estamos habituados.” Apesar disso, muitos professores rejeitam essas novas tecnologias como forma de (re)adaptar suas práticas docentes. A educação está, portanto, inserida, nessa nova ordem global de exigências, voltadas para os interesses do sistema mundial. Na EAD, por exemplo, exige-se do corpo docente (re)qualificação para se adequar aos novos discursos. Sobre as mídias e práticas docentes, recorrer-se-á a seguir, no tópico 3.2, deste referencial teórico.

3.2 Mídias e Práticas Docentes

As mudanças tecnológicas influenciam a um ritmo acelerado ao conceito de qualificação profissional, a qual, frente aos mecanismos de informação em tempo real, acaba entrando em defasagem. Surge, assim, a necessidade de repensar as práticas pedagógicas, considerando-as sob a perspectiva de “uma qualidade que tem pretensão de melhorar os resultados da educação e de seus processos.” (PRETI, 2009, p.22).

Verifica-se uma busca constante não apenas de recursos e avanços técnicos, mas também de fatores determinantes para beneficiar aprendizagem. Tanto alunos quanto professores se veem frente a essa acelerada realidade de adquirir competências e/ou domínio de conhecimentos em relação aos computadores a fim de facilitar e até mesmo dar-lhes mais segurança ao lidar com computadores, por exemplo. Para Miranda (2007, p.43), conviver com Tecnologias Educativas ou Tecnologias da Informação e Comunicação requer elucidar três termos: “[...] primeiro, conhecimentos e competências sobre a tecnologia computacional; segundo, atitudes positivas face a esta tecnologia e terceiro ter confiança para usar os computadores sem grande ansiedade.”

Diante dessa realidade, alunos e professores precisam de apoio a fim de lhes possibilitar a análise crítica sobre a evolução das tecnologias bem como sua atuação, especialmente, na área da Educação. Miranda (2007) ainda afirma que existe o problema da visão romântica de alguns professores sobre a relação entre aprendizagem, construção e o uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. Alguns professores pensam que bastam computadores com acesso à *Internet* nas salas de aula ou em laboratórios para que os alunos aprendam. Faz-se necessário, contudo, “um esforço de reflexão e de modificação de concepções e práticas de ensino.” (MIRANDA, 2007, p. 44). Surge, ainda, a necessidade de desenvolver atividades desafiadoras e criativas dentro de um contexto sociocomunicativo, oportunizando aos alunos explorar ao máximo as possibilidades oferecidas pelas tecnologias. Desafios atraem a atenção dos alunos e os motivam a enfrentá-los. Sobre isso, Freire (1967, p.43) comenta que “Há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios.”

Além disso, sentir-se sujeito das ações, da criatividade desperta nos alunos o desejo de aprender, de investigar, produzir. E as novas tecnologias os atraem por responderem à agilidade que lhes é contextual na atualidade. Isto é, a realidade midiática, na qual estão inseridos, os molda e impulsiona-os às descobertas, aos desafios, à criatividade. Na concepção freireana, “A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de

estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade.” (FREIRE, 1967, p.43). Afinal, seres “inconclusos” agem, muitas vezes, motivados por algo ou alguém, que lhes desperta a atenção, o interesse. Para que isso aconteça na Educação, é indispensável que as escolas, os professores reconheçam a necessidade de uma aprendizagem mais estruturada e formal. Pois, se o professor consegue dominar as novas ferramentas tecnológicas, poderá apoiar os alunos a perceberem as inúmeras possibilidades oferecidas por elas. Convictos de que a aprendizagem é um processo, ou seja, novos conhecimentos são construídos com base em estruturas e representações que vão sendo adquiridas ao longo desse processo.

Exige-se, portanto, esforço e empenho em querer realizar as tarefas, mas tendo o cuidado de não se impor estrutura e pensamento do professor. Porque “o que importa é que o professor e os alunos se assumam epistemologicamente curiosos.” (FREIRE, 1996, p.33), em um constante processo de (re)descoberta. Reconhecendo ser fundamental a postura dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, à medida que se fala ou ouve.

Não se pode negar que o professor, nesse contexto, enfrenta desafios e dilemas em apropriar-se desses recursos e utilizá-los de forma significativa, inserindo-os no processo de ensino-aprendizagem. A era digital exerce influência na formação de professores e alguns deles, ainda, não estão inseridos nesse universo tecnológico. Professores vivendo na era do confronto entre “nativos” e “imigrantes” digitais. Termos adotados por Palfrey e Gasser no livro *Nascidos na era digital*. Os “nativos digitais” são aqueles nascidos após a década de 1980 e que têm habilidade para utilizar as tecnologias digitais. Esses “nativos digitais” se relacionam com as pessoas através das novas mídias e se deixam, sem recusa, surpreender com as inúmeras possibilidades que encontram nas novas tecnologias. Sem medo, navegam, clicam, copiam, colam, enviam, deletam. Eles constroem, administram sua identidade pessoal e social através de constantes mudanças. E essa identidade é construída a partir de suas características pessoais, de seus interesses sob a ótica digital.

Nesse espaço virtual, é possível mudar a identidade real, assumir características que não existam no mundo real. Criar um perfil diferente de si mesmos. Até mesmo múltiplas identidades. Além disso, nas redes sociais (como *Orkut* e *Facebook*), os “nativos digitais” mudam a foto de seu perfil como mudam de roupa ou penteado e conseguem estabelecer interação com outros também conectados. Ora, em um contexto tão veloz e volátil, a Educação precisa despertar para tais espaços de interação virtual a favor do processo de ensino-aprendizagem. Para Libâneo (2002), a educação está diretamente associada a processos de comunicação e interação, através dos quais os membros de uma sociedade

assimilam saberes, habilidades, atitudes, levando-os a produzir outros saberes, habilidades, atitudes e técnicas. Isso em um processo dinâmico de interação e troca de saberes.

Outro aspecto importante a se destacar é a versatilidade no uso simultâneo de várias ações. Os jovens escrevem, falam, interagem continuamente e, em casa, fazem múltiplas tarefas ao mesmo tempo. Estudam, conversam nas redes sociais, ouvem música, navegam, veem TV em uma efervescência incrível. Por isso, é indispensável pais e professores ajudarem os jovens a abstrair o que há de positivo, além de extrair o conhecimento nesse turbilhão veloz de informações. O importante é saber equilibrar a qualidade nesse universo virtual de interações.

É igualmente necessário potencializar as redes sociais a fim de explorá-las pelo contexto educacional. Para isso, urge que as políticas públicas de inclusão digital compreendam desde a garantia de acesso até a formação de professores. Dessa forma, levar aos jovens diferentes usos em diferentes contextos, despertando-lhes a consciência para a adequação da linguagem, já que as inovações podem trazer benefícios e prejuízos. Segundo estudos recentes, o Brasil está na ponta representando 35% dos internautas latino-americanos:

Especialistas já notaram que o brasileiro adere fácil à tecnologia da conversação porque é comunicativo. O potencial de propagação da rede por aqui é imenso. Segundo o Ibope, os internautas brasileiros entre 12 e 24 anos passam 27 horas mensais ao computador, dos quais 57% visitam *blogs* e 46% usam programas de conversação.” (JUNIOR, 2011, p.4)

Nesse contexto de conversação veloz e informações em excesso, muitos jovens não conseguem parar para ler um livro de literatura, por exemplo. Ou até mesmo na *Internet* se deter em uma página apenas. Acostumaram-se à ansiedade, à inquietude e à ausência de concentração, próprios de uma vida conectada em múltiplas tarefas virtuais. E essa realidade não é algo fácil de se resolver. Pois o aluno tem o privilégio na relação com as novas tecnologias, ele aprende mais rápido a navegar, a trabalhar em grupo e tem certa facilidade em produzir tarefas audiovisuais. Mas precisa do apoio dos professores para saber lidar com isso. Precisa ser orientado a otimizar as pesquisas. A se concentrar no que realmente pode ser importante para determinado momento. Porém, encantados com múltiplas possibilidades das novas tecnologias não conseguem tomar essas atitudes necessárias para seu aprendizado na Educação:

Muitos alunos estão numa fase da vida ainda de deslumbramento, estão curiosos. Eles não têm organização e maturidade para se concentrar em um só tema durante uma hora. Então eles abrem mil páginas ao mesmo tempo, se deixam naturalmente seduzir por certos temas musicais ou eróticos, conforme a sua idade. Esse conjunto de questões dificulta o trabalho com um tema específico. Essa também não é uma

questão meramente da tecnologia ou do professor, mas da dificuldade de concentração diante de tantos estímulos. (MORAN, 2003, p.1)

Ou seja, impor em excesso prejudica bem como deixar o aluno à vontade demais. O equilíbrio é essencial para que haja a interação professor-aluno. Porquanto nessa relação dialógica cada um contribui com o que sabe, oportunizando novos saberes e múltiplas possibilidades de aprender. Pois, “[...] toda disciplina implica uma certa bagagem adquirida, podendo assim dar lugar a atividades múltiplas de pesquisas e redescobertas [...]” (PIAGET, 1970, pp.83-84).

Assim, percebe-se que a interativa nas novas tecnologias proporciona uma comunicação mais veloz, mais rápida. É possível, por exemplo, nas redes sociais, conversar com várias pessoas ao mesmo tempo, compartilhando fotos, vídeos, comentários. De tal modo encantador que atrai a curiosidade dos que acessam essas multimídias, inclusive o aluno, nascido em uma era digital, ávido por descobrir as possibilidades de interação com outros de sua geração. Para explicar as múltiplas possibilidades das mídias, Lévy (1999), ao falar sobre os diferentes tipos de interatividade, propõe o seguinte quadro demonstrativo:

Quadro 1 – DA INTERATIVIDADE NAS MULTIMÍDIAS

Os diferentes tipos de interatividade			
Relação com a mensagem Dispositivo de Comunicação	Mensagem linear não alterável em tempo real	Interrupção e reorientação do fluxo informacional em tempo real	Implicação do participante na mensagem
<i>Difusão unilateral</i>	Imprensa Rádio Televisão Cinema	- Bancos de dados multimodais - Hiperdocumentos fixos - Simulações sem imersão nem possibilidade de modificar o modelo	- Videogames com um só participante - Simulações com imersão (simulador voo) sem modificação possível do modelo
<i>Diálogo, reciprocidade</i>	Correspondência postal entre duas pessoas	- Telefone - Videofone	Diálogos através de mundos virtuais, <i>cibersexo</i>
<i>Diálogo entre vários participantes</i>	- Rede de correspondência - Sistema das publicações em comunidade de pesquisa - Correio eletrônico - Conferências eletrônicas	- Teleconferência ou videoconferência com vários participantes - Hiperdocumentos abertos acessíveis <i>on-line</i> , frutos da leitura/escrita de uma comunidade	- RPG multiusuário no <i>ciberespaço</i> - Videogame em ‘realidade virtual’ com vários participantes - Comunicação em mundos virtuais,

		- Simulações (com possibilidade de atuar sobre o modelo) como de suportes de debates de uma comunidade	negociação contínua dos participantes sobre suas imagens e a imagem de sua situação comum
--	--	--	---

FONTE: LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. COSTA, Carlos Irineu da. ed. 1. São Paulo: Ed.4, 1999.

Isto é, através desse esquema, constata-se que na interativa o que importa é a comunicação. Por isso, o termo “multimídia” atualmente é empregado para definir a “multimodalidade” no uso dessas ferramentas e à “interação digital”. Assim, considerando o contexto da Educação e as práticas docentes, se o professor as utiliza com métodos repetitivos e ultrapassados, não corresponderá às expectativas de uma geração digital que busca comunicação em um tempo mínimo e veloz. As aulas, em vez de atraentes, tornar-se-ão tediosas e banalizadas e, conseqüentemente, será mantido o modelo autoritário do passado. É necessário conhecer melhor essas ferramentas digitais e extrair o máximo possível delas para desenvolver com desempenho o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Moran(1997, p.4), “Ensinar utilizando a Internet exige uma forte dose de atenção do professor. Diante de tantas possibilidades de busca, a própria navegação se torna mais sedutora do que o necessário trabalho de interpretação [...]”.

E o professor vê diante de si essa realidade que exige dele práticas pedagógicas voltadas para a interatividade das novas tecnologias no contexto escolar. Ademais, acompanhar essas mudanças requer esforço e destemor ao novo. Não rejeitar a possibilidade de olhar os desafios atuais como apoio para o processo de ensino-aprendizagem. Em uma reportagem da revista *Veja* “Computador não educa ensina”, os autores dizem que a psicóloga Afira Ripper Seymour Papert no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) afirma que “Está provado que o computador não surte efeito na classe de um mau professor”. (WEINBERG; RYDLEWSKI, 2007,p.4).

Possivelmente, o medo seja uma das principais razões para resistência de muitos professores em usar as novas tecnologias como ferramenta para enriquecer suas práticas docentes. Conforme Andrade; Damasceno; Lima(2013), apesar de essas ferramentas facilitarem a forma do trabalho dentro e fora da escola, ainda não são vistas com bons olhos. Alguns profissionais da educação, em especial professores, recusam-se a aceitar as novas tecnologias utilizadas como instrumento para transformar sua prática pedagógica. Para esses autores, essa rejeição se dá, na maioria das vezes, pela falta de conhecimento por parte desses profissionais, pois não sabem utilizá-las para favorecer sua prática docente. Mas não basta,

apenas, reconhecer essa atitude de rejeição, é indispensável oportunizar formação continuada a fim de facilitar a preparação e aperfeiçoamento desses novos recursos no processo de ensino e aprendizado. Para Libâneo (2004):

O termo formação continuada vem acompanhado de outro, a formação inicial. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional. (p.227)

Por isso, a oportunidade de formação continuada, acesso às novas tecnologias e tempo disponível para participar desse aperfeiçoamento são fundamentais. Entretanto, o professor, na maioria das vezes, depara-se com uma realidade desfavorável, embora ele seja receptível às mudanças, a carga horária ocupa todo o seu tempo, pois boa parte dos docentes leciona em mais de duas instituições, dificultando a qualificação em suas práticas voltadas ao uso das novas tecnologias de forma produtiva em sala de aula. “Temos que cuidar do professor, porque todas essas mudanças só entram bem na escola se entrarem pelo professor, ele é a figura fundamental. Não há como substituir o professor. Ele é a tecnologia das tecnologias, e deve se portar como tal.” (DEMO, 2008, p.134).

Como base em pesquisas, o presente trabalho volta-se para a prática docente nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa, cujos principais objetivos referem-se à leitura, interpretação e escrita. Para tal, as novas tecnologias oferecem uma gama de mecanismos capazes de enriquecer e dinamizar as aulas, bem como possibilitar a interação e participação dos alunos, através de fóruns, grupos e outros recursos à disposição. Especificamente, a presente pesquisa escolheu a ferramenta digital *Facebook*, haja vista a popularidade dessa rede social no mundo e a constante necessidade de atualização dos docentes em um contexto de inclusão de novas ferramentas proporcionadas pelas tecnologias digitais. No tópico seguinte, falar-se-á mais detidamente sobre o uso do *Facebook* como ferramenta na Educação.

3.3 O uso do *Facebook* como ferramenta na Educação

A cultura digital é uma realidade crescente e cada vez mais se exigem, pelo menos, noções básicas sobre o assunto. Quando se refere à Educação, as exigências estão descritas na Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB), cuja redação propõe uma prática docente adequada à realidade do mundo, ao mercado de trabalho e à integração do conhecimento. Dessa forma, a escola precisa utilizar-se das novas tecnologias da informação

e comunicação, a fim de inserir o aluno-cidadão nesta sociedade de exigências tecnológicas. E como já foi apresentado no tópico 3.2 sobre as mídias e as práticas docentes, apesar de todas as mudanças nesse novo cenário tecnológico, o professor continua exercendo papel essencial, pois é ele quem transmite o conhecimento no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo pesquisas recentes, o Brasil ocupa o segundo lugar com usuários que mais acessam o *Facebook* diariamente. Essa ferramenta é um *site* de relacionamentos, em geral para postar fotos. Inicialmente, seria uma espécie de álbum eletrônico. Mas as inúmeras possibilidades de usar o *Facebook* têm atraído crianças, jovens e adultos a passar horas na *Internet*. Por isso, à Educação essa rede social pode ser um dos maiores aliados concernente à interação entre alunos e professores:

[...] o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memórias(bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação(simulações), percepção(sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios(inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). (LÉVY, 1997, p.157)

Ou seja, o *Facebook* pode representar não apenas uma ferramenta de fácil acesso, mas um elo riquíssimo no processo de ensino e aprendizagem, facilitando não apenas a obtenção, mas a partilha de conhecimentos. Como plataforma, oferece uma diversidade de aplicativos, somados às possibilidades de compartilhar fotos, vídeos, jogos e criar grupos de estudos, que, se bem direcionados, tornam-se espaços pedagógicos para troca de informações. No entanto, não se pode negar que toda essa rapidez nos bate-papos ou cliques vários, postagens e mensagens deixem de apresentar códigos facilitadores da interação entre seus usuários. Símbolos, imagens e uma linguagem peculiar ao veículo. Assim, verifica-se uma dicotomia entre ensinar a língua padrão com todas as suas normas, sem, contudo, desconsiderar a dinamicidade da variedade popularmente conhecida como “internetês”.

O problema da utilização das ferramentas de interatividade se caracteriza a partir de seu perfil complexo: é um instrumento que se utiliza privilegiadamente a linguagem escrita, porém necessita da rapidez e informalidade do discurso oral para desenvolvimento. Por isso, a linguagem escrita torna-se repleta de figuras ilustrativas, abreviaturas e gírias, criando códigos comunitários reconhecíveis entre os usuários. A tentativa de formalização do discurso para correção da linguagem pode acarretar em um abandono das ferramentas pela perda da espontaneidade. (BRAGA, 2006, pp. 12-13)

Portanto, as redes sociais fazem parte de nossas vidas e estão cada vez mais presentes na Educação. O problema não está nesses espaços virtuais, mas no excesso em neologismos, abreviações, gírias e mesmo em erros ortográficos que algumas pessoas insistem em produzir.

É preciso utilizar essas redes sociais aliadas à Educação. Afinal, é um direito do cidadão a qualidade no ensino. Conforme os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais):

A mais nova das tecnologias, informática faz parte do cotidiano e do mundo do trabalho. Vive-se o mundo da parabólica, dos sistemas digitais, dos satélites, da telecomunicação. Conviver com todas as possibilidades que o mundo da tecnologia oferece é mais que uma necessidade, é um direito social. (BRASIL, 2006)

Por isso, a Educação precisa acompanhar as mudanças oriundas do avanço das TIC, haja vista serem essas Tecnologias um espaço de inclusão, facilitador da obtenção de conhecimento. Além disso, é inegável o fato de a *internet* e suas múltiplas possibilidades de adquirir informações conhecimentos e interatividade constituírem uma ferramenta pedagógica riquíssima. Sobre isso, ainda de acordo com os PCN:

O objetivo da inclusão da informática como componente curricular da área de Linguagens, Códigos e Tecnologias é permitir o acesso a todos os que desejam torná-la um elemento de sua cultura, assim como aqueles para os quais a abordagem puramente técnica parece insuficiente para o atendimento se seus mecanismos profundos. Com a mais recente das linguagens, não substitui as demais, mas, ao contrário, complementa e serve de arcabouço tecnológico para as várias formas de comunicação tradicionais. (BRASIL, 2006).

Portanto, o desafio consiste em como usar a ferramenta *Facebook* para o ensino da Literatura, produção de texto e Língua Portuguesa. De forma a enriquecer o processo e ampliar as possibilidades de reconhecer os vários gêneros textuais, as variantes linguísticas e compartilhar conhecimentos sobre obras e épocas literárias estudadas. Ou seja, “a organização e a difusão do conhecimento é de importância singular para o construtor do conhecimento.” (OLIVEIRA, 2010, p.41). Muitos países, ainda segundo o que foi publicado na reportagem pela revista *Veja* “Computador não educa ensina”, já utilizam as novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem e, segundo os autores dessa reportagem, já virou febre estudar em rede.

As novas tecnologias atraem crianças, adolescentes e jovens pela sua interatividade e isso pode ser visto como vantajoso para a educação, pois, segundo Bicudo (1999), essas ferramentas permitem ao usuário deixar de ser um receptor passivo, adquirindo a capacidade de ele mesmo escolher informações, ou seja, o processo de ensino e aprendizagem não dependerá, necessariamente, da mediação do professor. O aluno poderá descobrir novas informações, poderá pesquisar e interagir através dessas ferramentas. No entanto, reconhecendo-se durante todo o processo pedagógico que a interferência do professor

deve estar presente para orientar o aluno a aperfeiçoar as pesquisas e o que for importante para determinado momento de estudo.

4 METODOLOGIA

Segundo o que definem Marconi e Lakatos (2003), o método científico trata-se do conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permitem alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros - traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Metodologia é o conjunto de métodos e técnicas utilizados para a realização de uma pesquisa. É imprescindível, no entanto, definir o que é método. Este pode ser entendido como o caminho a ser seguido na pesquisa. “O método se caracteriza por uma abordagem mais ampla [...] dos fenômenos da natureza e da sociedade.” (MARCONI, LAKATOS. 2003, p.105).

Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, porque objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos, envolve verdades e interesses locais. (GIL, 2002). Já quanto aos objetivos, empregou-se uma pesquisa exploratória, uma vez que objetiva uma maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito ou levantando hipótese.

Quanto às técnicas de pesquisa empregadas, conforme Marconi e Lakatos (2003), esta pesquisa pode ser classificada como um estudo de caso. Estudo realizado na EEEFM Napoleão Ábdon da Nóbrega, no município de São Mamede. Aplicaram-se questionários para os alunos e entrevistas para os professores, de forma aleatória. Com uma amostra de 29 discentes, correspondendo a 36,7%, do universo de 79 alunos e com quatro dos cinco professores de Língua Portuguesa dessa Escola, correspondendo a uma amostra de 80%.

Para André (2005), o estudo de caso não é um método específico de pesquisa nem uma escolha metodológica, mas compreende uma forma particular de estudo e uma escolha do objeto a ser estudado. Yin (2005) afirma ser o estudo de caso uma investigação empírica, um método que requer planejamento, técnicas de coleta de dados e análise destes.

Por isso, o questionário e entrevista semiabertos foram utilizados como técnica de coleta de dados para possibilitar o alcance dos objetivos específicos. Concernente à forma de abordagem, a pesquisa objetivou a avaliação qualiquantitativa, na qual os dados coletados são descritivos.

A metodologia da pesquisa em foco adequou-se às situações singulares do fenômeno investigado e foi, devidamente, autorizada pelos indivíduos participantes, atentando para a importância de que a publicação dos resultados preserve a identificação dos pesquisados, conseqüentemente, evitando qualquer tipo de constrangimento. Sobre essa

questão de ética da pesquisa, Creswell destaca que “a ideia básica da pesquisa de ação/participatória é que o investigador não marginalize ou incapacite ainda mais os participantes do estudo” (CRESWELL, 2010, p. 117).

Sendo assim, organizaram-se as informações e dados coletados, classificando-os e analisando-os, a fim de que fossem alcançados os objetivos propostos pelo presente projeto. O referencial teórico embasou a análise e a discussão dos dados aqui apresentados.

5 ANÁLISE

Para Creswell (2010), as técnicas de método misto, ou aqui apresentado como qualiquantitativo, apresentam questões abertas e fechadas, bem como dados quantitativos e qualitativos somados à análise. Dessa forma, visando esse tipo de abordagem, através da qual elementos qualitativos se entrelaçam aos quantitativos, buscou-se na análise qualitativa recorrer à quantificação, a fim de se obter melhores resultados para o presente estudo de caso na EEEFM Napoleão Ábdon da Nóbrega.

5.1 MEMORIAL DO OBJETO DE ESTUDO

A análise documental foi empregada nesta pesquisa para produção do memorial do objeto de estudo, a saber, a EEEFM Napoleão Ábdon da Nóbrega, situada no município de São Mamede, escolhida como referência para se analisar o fenômeno em estudo. Fundada em 10 de junho de 1983, essa Escola possui uma área aproximada de 10.000.000 m², com nove salas de aula, oferecendo o Ensino Fundamental regular e EJA; Ensino Médio Inovador e EJA; Mais Educação, Escola Aberta, Atleta na Escola e Sismédio (programas do governo federal). Atende a comunidade com um número total de 414 alunos, respectivamente, 229 no Ensino Médio Inovador; 61, no Fundamental EJA e 56 no Ensino Médio EJA. O corpo docente é formado por 31 profissionais e com apoio de 32 funcionários. A Escola já recebeu vários prêmios, dentre eles *Escola de valor* e medalhas em olimpíadas. Dispõe de uma espaçosa quadra poliesportiva, um laboratório de ciência, uma biblioteca, uma sala de multimídias e laboratório de informática.

5.2 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados foi possível através dos instrumentos de coleta: o questionário e a entrevista. Nos itens 5.2.1 e 5.2.2 seguintes, apresentam-se a análise quantitativa e a análise qualitativa, respectivamente.

5.2.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

Para coleta de dados, foram submetidos ao questionário 29 alunos do Ensino Médio, sendo 12 do 2.º A, 08 do 2.º B, 04 do 3.º A e 05 do 3.º B. Quanto ao gênero, 22 do sexo feminino e 07 do sexo masculino. Conforme demonstrado no gráfico abaixo.

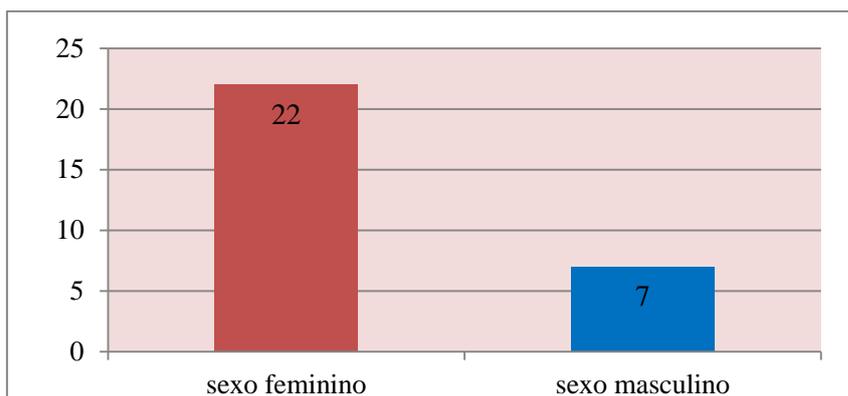


Figura 1- Gráfico sobre participantes da pesquisa, quanto ao gênero

Quanto ao acesso à *internet*, a concepção dos alunos que participaram da coleta de dados, através dos questionários, está apresentada na tabela logo a seguir.

Tabela 1– DO ACESSO À *INTERNET* PELOS ALUNOS

SITUAÇÃO	N.º	%
SIM	25	86.2
NÃO	0	0
ÀS VEZES	4	13.7

Fonte: Estudo de caso realizado em São Mamede - PB em 2014.

O resultado da pesquisa observou que quase 90% afirmam ter acesso à *internet* e nenhum disse não o ter. Enquanto, 13.7% dizem ter acesso “às vezes”. E isso foi observado, inclusive, considerando a maneira do acesso. No gráfico da página seguinte, podem-se ver expostos os dados da tabela 1.

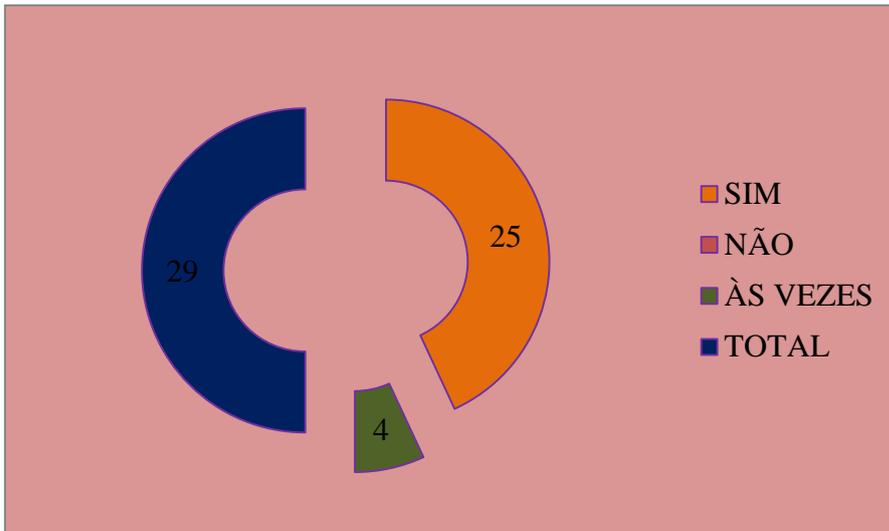


Figura 2 – Gráfico sobre o acesso à *internet* pelos alunos questionados

É interessante observar que, a despeito de nem todos os alunos terem acesso, sempre, à *internet*, visto que quatro dos questionados disseram que têm acesso “às vezes”, e, por outro lado, dos professores entrevistados todos afirmarem ter acesso sempre, conforme exposição na tabela 2 e gráfico 3, logo abaixo, ainda há uma facilidade maior em utilizar essas tecnologias pelos “nativos digitais”, ou seja, não se trata do acesso, mas da identificação que esses nascidos na era digital possuem frente às novas ferramentas tecnológicas.

Tabela 2– DO ACESSO À *INTERNET* PELOS PROFESSORES

SITUAÇÃO	N.º	%
SIM	4	100
NÃO	0	0
ÀS VEZES	0	0

Fonte: Estudo de caso realizado em São Mamede - PB em 2014.

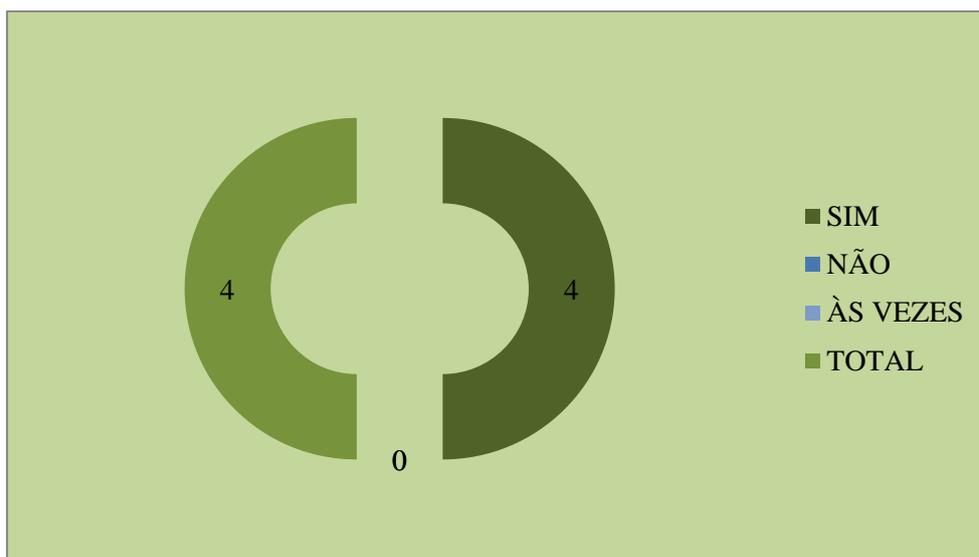


Figura 3 – Gráfico sobre o acesso à *internet* pelos professores entrevistados

Com o presente estudo, também, percebeu-se que os alunos passam mais tempo navegando em redes sociais. Da amostra de 29 alunos questionados, 65.5% dizem acessar as redes sociais, 17.2% afirmam usar a *internet* para estudar e 17.2%, para entretenimento. Conforme se vê na tabela abaixo.

Tabela 3– DA UTILIZAÇÃO DA *INTERNET* PELOS ALUNOS

SITUAÇÃO	N.º	%
REDES SOCIAIS	19	65.5
ESTUDAR	5	17.2
ENTRETENIMENTO	5	17.2

Fonte: Estudo de caso realizado em São Mamede - PB em 2014.

Tabela 4– DA UTILIZAÇÃO DA *INTERNET* PELOS PROFESSORES

SITUAÇÃO	N.º	%
REDES SOCIAIS	1	25
PESQUISAR	3	75
ENTRETENIMENTO	0	0

Fonte: Estudo de caso realizado em São Mamede - PB em 2014.

Analisando-se a utilização da *internet* entre professores e alunos, verifica-se que os interesses são diferentes quanto ao uso dessa ferramenta tecnológica. Grande parte dos

alunos questionados acessa a *internet* para manter contato nas redes sociais e, segundo responderam, de uma a duas horas diariamente. Já os professores, 75% afirmam utilizar a ferramenta para pesquisas e 25% para acessar as redes sociais, em uma média de uma a duas horas diariamente. Contudo, das quatro professoras entrevistadas, 50% afirmam acessar o *Facebook* de uma a duas horas por dia. Apenas uma afirma acessar com frequência a *Internet* para entrar nas redes sociais e três das quatro dizem ser para pesquisar. O fato é que boa parte de alunos e professores costumam acessar diariamente o *Facebook* e concordam, ao serem indagados, que a inserção dessa rede social pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa. Uma ressalta, contudo, para quatro alunos, correspondendo a 13.7%, que disseram não ter certeza dessa possibilidade de contribuição. Desses quatro alunos, três disseram acessar o *Facebook* de duas a três horas por dia. A postura desses alunos constitui uma variação no grupo (GIL, 2008).

A concepção desses alunos em responderem “talvez” pode estar atrelada ao caráter de entretenimento e descontração tão frequentemente associados ao *Facebook*, pois é um espaço virtual, cuja riqueza de possibilidades encanta e diverte. Conversar livremente com amigos(as), colegas e namorados(as), de forma rápida e ao mesmo tempo interagindo com vários participantes, como Lévy(1999) propõe em seu quadro sobre os diversos tipos de interatividade, pode levar esses alunos a terem dúvida se esse espaço virtual possa ser aliado pedagógico para o ensino da Língua Portuguesa.

5.3 ANÁLISE QUALITATIVA

5.3.1 Discurso do Sujeito Coletivo, na concepção dos alunos, quanto à maneira de a rede social *Facebook* contribuir para o ensino da Língua Portuguesa.

<p>QUESTÃO: De que maneira o <i>Facebook</i> pode contribuir para o ensino da língua Portuguesa?</p>	<p>DISCURSO: “De diversas maneiras, como, por exemplo, a interação dos alunos, a exposição dos trabalhos aplicados em sala de aula”; “A dinamicidade entre constituintes escolares”; “Para incentivar os alunos a postarem seus trabalhos feitos em sala de aula; para todos entrarem em diálogo”; “Utilizando os recursos visuais e linguísticos encontrados nessa rede social”; “Porque a maioria dos alunos têm acesso [...]”.</p>
--	---

Quadro 2 – QUADRO SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Grande parte dos alunos entrevistados disseram que a rede social *Facebook* pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa por ser espaço virtual acessível à maioria dos alunos e que favorece a dialogicidade, estimulando-os a realizar as atividades e compartilhar, a fim de que outros possam ver suas atividades e trabalhos escolares. Outros também disseram por ser possível “[...] se comunicar com os professores para qualquer dúvida [...]”; “Ter acesso a grupos que contenham assuntos da Língua Portuguesa, inclusive gêneros textuais [...]”; “Acessar páginas educativas [...]”; “Criar grupos de estudo”; “Compartilhar obras e trechos literários.”; “Trabalhar a leitura e escrita[...].”

Dessa forma, observa-se que a maioria dos alunos concordam que a rede social *Facebook* pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa, pois eles interagem com outros colegas e professores, compartilhando e aprendendo, tanto ao que tange à leitura quanto a aspectos facilitadores de pesquisa e conhecimentos linguísticos, favorecendo o acesso a informações, cuja dinamicidade contribui para o processo de ensino e aprendizagem.

Convém destacar aqui a resposta a pergunta exposta acima no quadro 2, sobre “De que maneira o *Facebook* pode contribuir para o ensino da língua Portuguesa?”. Discurso de uma aluna que antes respondera “Talvez” à inserção do *Facebook* contribuir para o ensino da Língua Portuguesa. Veja-se no quadro abaixo.

<p>QUESTÃO: De que maneira o <i>Facebook</i> pode contribuir para o ensino da língua Portuguesa?</p>	<p>DISCURSO: “Infelizmente, de forma maléfica, pois se deparamos frequentemente com erros ortográficos absurdos”.</p>
--	---

Quadro 3 – VARIÁVEL DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Possivelmente, a aluna se refere à maneira rápida e despreocupada com que os internautas escrevem nessa rede social. E para ela, apesar da grande quantidade de expressões e mensagens escritas, os desvios à norma culta podem ser levados a textos que exigem essa variedade padrão. Como redações no ENEM e vestibulares.

5.3.2 Discurso do Sujeito Coletivo, na concepção dos professores, quanto à maneira de a rede social *Facebook* contribuir para o ensino da Língua Portuguesa.

<p>QUESTÃO: De que maneira o <i>Facebook</i> pode contribuir para o ensino da língua Portuguesa?</p>	<p>DISCURSO: “De modo a ampliar as possibilidades de leitura e escrita, sob o olhar crítico e orientador do educador”; “O dinamismo que o <i>Facebook</i> apresenta facilita a comunicação entre os seus usuários e desperta o interesse dos jovens para uma aprendizagem arrojada, um espaço em que eles leem, compreendem e produzem textos; “Pode contribuir para novos hábitos de comunicação entre as pessoas. Agora precisa saber ensinar e estimular seus alunos a serem bons cidadãos digitais”; “Há vários recursos como vídeos, jogos educativos, pesquisas, divulgação de trabalhos e principalmente permite uma interação entre professor e aluno, podendo criar grupos que podem ser de estudo. Nesse grupo de estudo, o professor poderá junto com seus alunos, analisar os níveis de linguagem utilizados na rede social <i>Facebook</i>[...]”.</p>
--	--

Quadro 4– QUADRO SÍNTESE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Ao analisar os discursos das professoras entrevistadas, verifica-se que todas concordam que a rede social *Facebook* pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa e expõe as várias maneiras de se utilizar essa ferramenta de forma pedagógica. Ressaltam algumas, como se pode ser observado nos discursos do quadro 4 acima, que é necessária a orientação do professor ou ainda a interação professor-aluno para que o processo de ensino e aprendizagem possa se dar através dos recursos disponíveis nesse espaço virtual e dinâmico.

Ao serem indagadas se utilizam a rede social *Facebook* em suas aulas, metade respondeu que “Não” e outra metade que “Às vezes”. Explicaram que ainda não se sentem preparadas para inserir essa ferramenta nas aulas. Assim, o estudo observou que existe há necessidade de uma formação docente para prepará-lo e tornar possível a utilização da rede social *Facebook* em sua prática de forma pedagógica. Além disso, apesar de acessar esse espaço virtual, ainda se sentem inseguras “migrando” para algo novo, mas muito utilizado pelos alunos. Uma entrevistada disse que pretende usar o *Facebook* em suas aulas, mas precisa conhecer melhor essa ferramenta para aliá-la as suas práticas e contribuir para o ensino da Língua Portuguesa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença massiva das TIC no cotidiano das pessoas e o avanço delas são inegáveis. Por isso, aprender a utilizá-las para mediar a educação é imprescindível, visto que se tornaram uma realidade midiática e dinâmica, em especial as redes sociais. Porque atraem crianças, jovens e adultos pela interatividade e riqueza de opções.

Observou-se, segundo pesquisas ao longo deste trabalho apresentadas, que as redes sociais globalizaram-se e muitos são os seus usuários, principalmente crianças e jovens. O presente estudo objetivou analisar a rede social *Facebook*, ferramenta rica em recursos e possibilidades de comunicação. E se a inserção dessa ferramenta pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa e de que maneira.

A partir do referencial teórico, fundamentou-se a presente pesquisa sobre as TIC e o crescimento atual das redes sociais, em especial o crescimento de usuários do *Facebook*. Além disso, levaram-se questionamentos sobre as práticas docentes em relação à utilização dessa rede social. Também foi apresentada a realidade entre gerações diferentes. De um lado, os “nativos digitais” (alunos nascidos na década de 1980) e, de outro, “imigrantes digitais” (professores diante do novo, do avanço das novas tecnologias).

Percebeu-se, através de respostas fornecidas por alunos e professores do ensino médio da EEEFM Napoleão Ábdon da Nóbrega, objeto deste estudo de caso, que há o acesso à *Internet* e às redes sociais. Realidade presente no cotidiano dos entrevistados. Alunos e professores antenados diariamente, situação que ratifica ainda mais o fato de as TIC fazerem parte do dia a dia das pessoas. Comprovando uma urgente necessidade de formação docente para inserir as redes sociais em suas práticas, utilizando-as como ferramenta pedagógica. Ora, embora os alunos “nativos digitais” tenham familiaridade com as novas tecnologias, ainda é preciso a mediação do professor, a fim de que possam ser utilizadas como ferramenta na educação. Orientando os alunos a aproveitarem o máximo desses espaços virtuais.

Apesar da resistência por parte de alguns professores, todos os participantes da entrevista concordaram que a inserção do *Facebook* pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa, através de jogos educativos, publicação de obras e trabalhos, grupos de estudo e interatividade entre professor e alunos. Dessa forma, analisou-se com o presente estudo que a rede social *Facebook* pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para o ensino da Língua Portuguesa, quando associada a uma prática docente bem planejada e orientada. Claro, sem ignorar a necessidade da troca de experiência entre os nascidos na era digital e os professores.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- ANDRADE, Maria Nascimento de.; DAMASCENO, Rogério J. Almeidat; LIMA, Jeane de Oliveira **A resistência do professor diante das novas tecnologias**. s.l.s.d. Brasil Escola. Disponível em <<http://meuartigo.brasil.escola.com/educação/a-resistencia-professor-diante-das-novas-tecnologias.htm>>. Acesso em 16 dez. 2013.
- BARROS, A.J.P., LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica**. 3ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BEZERRA, M. A.; CARVALHO, A. B. G. **Tutoria: Concepções e práticas na educação a distância**. In: CARVALHO, A. B. G.; MOITA, F. M. C. da S. C.; SOUSA, R. P. de. (Org.). **Tecnologias Digitais na Educação**. 21.ed. Campina Grande: EDUEPB, 2011. cap. 9, pp. 233, 234, 237.
- BICUDO, Maria Apareci Viggiani (org); SILVA JUNIOR, Celestino Alves da (org). **Formação do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade**. São Paulo: UNESP, 1999. 3. (Coleção Seminários e debates). ISBN 85-7139-139-4.
- BRAGA, Clarissa Bittencourt de Pinho e. **Dicotomia entre o discurso e a prática pedagógica na educação a distância**. 2006. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- BRASIL. Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 16 dez de 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Introdução**. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília, 2001.
- CHAVES, Eduardo. **Tecnologia, Redes Sociais e Educação**. Rede Social Educacional. Mar. 2011. Disponível em <http://blog.aticasscipione.com.br/eu-amou-educar/tecnologia-redes-sociais>. Acesso em: 15 mar. 2014.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; Tradução Magda lopes. – 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DEMO, Pedro. **Pedro Demo aborda os desafios da linguagem no século XXI**. In: **Tecnologias na Educação: ensinando e aprendendo com as TIC: guia do cursista** / Maria Umbelina Caiafa Salgado, Ana Lúcia Amaral. – Brasília; Ministério da Educação, Secretária de Educação à Distância; 2008. Cap. 4, p. 139.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Exemplar 1405. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa** – 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4^a. ed. São Paulo: Atlas 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Helton Simões. **Brasil é o 2.º país com mais usuários que entram no Facebook**.

G1, tecnologias e games. 12/set/13. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-0-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html>. Acesso em 16 dez. 2013.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 2. Ed. Campinas: Papyrus, 2007. (Coleção Papyrus Educação).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. COSTA, Carlos Irineu da. ed. 1. São Paulo: Ed.4, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola** –Teoria e Prática.Goiânia: Alternativa, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos para quê?** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MIRANDA, G. L. **Limites e possibilidades das TIC na educação**. Sísifo/Revista de Ciências da Educação. Rio de Janeiro, n.3, mai/ago. 2007. Disponível em<<http://sisifo.fpce.ul.pt>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

MORAN, José Manuel. **A Internet nos ajuda, mas ela sozinha não dá conta da complexidade do aprender**. Portal Educacional. Jun. 2003. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0025.asp>>. Acesso em: 29 mar. 2014. Entrevista concedida a Vitor Casimiro.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a internet na educação**. Ciência da Informação. v.26, n.2, maio-agosto. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-19651997000200006&script=sci_arttext>. Acesso em 14 dez. 2013.

MORAN, José Manuel. **A TV digital e a integração das tecnologias na educação**. Programa Salto para o Futuro. TV Escola – SEED- boletim 23, Nov. 2007. Disponível em:<<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2007/md/index.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

OLIVEIRA, Albano Souza. Representação da informação científica: a rede pode ser a gota d'água. In: SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. et al(Org.) **Cultura, representação e informações digitais**. Salvador: Edufba, 2010.pp. 41-54.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na Era Digital: entendendo a primeira geração de nascidos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Trad. Dirceu A. Lindoso; Rosa M. R. da Silva. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1970.

PRETI, O. (Org.). **Educação a Distância: fundamentos e políticas**. Cuiabá: EDUFMT, 2009.

WEINBERG, Monica. RYDLEWSKI, Carlos. **O computador não educa ensina**. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/16 maio 07/p_086.shtml](http://veja.abril.com.br/16_mai_07/p_086.shtml), acessado em 05 de abril de 2014.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A

ROTEIRO PARA QUESTIONÁRIO 2.º e 3.º ANOS DO ENSINO MÉDIO

Caro aluno entrevistado, este questionário está sendo utilizado para avaliar a inserção da rede social *Facebook* para o ensino da Língua Portuguesa nas turmas de 2.º e 3.º anos do Ensino Médio da EEEFM Napoleão Ábdon da Nóbrega. E assim identificar como o *Facebook* pode proporcionar aulas mais dinâmicas e participativas bem como relatar algumas possibilidades dos recursos de leitura e escrita dessa rede social (fóruns, grupos) como ferramenta pedagógica. Sua participação é fundamental para este estudo de caso. O anonimato será preservado em todos os questionários. Obrigada pela sua participação.

1. Idade: () 14 a 15 () 16 a 18 () 19 a 20
2. Sexo: Masc. () Fem. ()
3. Ano/Turma: () 2.º A () 2.º B () 3.º A () 3.º B
4. Você tem acesso à *Internet*? Com que frequência?
() Sim () Não () Às vezes
5. Como se dá esse acesso?
() Computador em casa () *Lan house* () Laboratório da Escola () Celular
6. Com que frequência você utiliza?
() 1 a 2 horas () 2 a 3 horas () mais de 4 horas
7. Para que você utiliza a *Internet*?
() Estudar () Entretenimento () Redes Sociais () Trabalhar
8. Você tem acesso às redes sociais como *Facebook*?
() Sim () Não () Às vezes
9. Com que frequência utiliza essas redes sociais?
() 1 a 2 horas () 2 a 3 horas () mais de 4 horas
10. A inserção da rede social *Facebook* pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa?
() Sim () Não () Talvez
11. De que maneira o *Facebook* pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa?

APÊNDICE B

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO DA EEEFM NAPOLEÃO ÁBDON DA NÓBREGA

Caro professor entrevistado, este questionário está sendo utilizado para avaliarse a inserção da rede social *Facebook* pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa nas turmas do Ensino Médio da EEEFM Napoleão Ábdon da Nóbrega. E assim identificar como o *Facebook* pode proporcionar aulas mais dinâmicas e participativas bem como relatar algumas possibilidades dos recursos de leitura e escrita dessa rede social (fóruns, grupos) como ferramenta pedagógica. Sua participação é fundamental para este estudo de caso. O anonimato será preservado em todos os questionários. Obrigada pela sua participação.

1. Idade: 20 a 25 26 a 31 32 a 37 Acima de 37 anos
 2. Sexo: Masc. Fem.
 3. Escolaridade: Normal Superior Incompleto Superior em andamento Superior Completo Especialização Mestrado Doutorado
 4. Você tem acesso à *Internet*? Com que frequência?
 Sim Não Às vezes
 5. Como se dá esse acesso?
 Computador em casa *Lan house* Laboratório da Escola Celular
 6. Com que frequência você utiliza?
 1 a 2 horas 2 a 3 horas mais de 4 horas
 7. Para que você utiliza a *Internet*?
 Estudar Entretenimento Redes Sociais Trabalhar
 8. Você tem acesso às redes sociais como *Facebook*?
 Sim Não Às vezes
 9. Com que frequência utiliza essas redes sociais?
 1 a 2 horas 2 a 3 horas mais de 4 horas
 10. A inserção da rede social *Facebook* pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa?
 Sim Não Talvez
 11. De que maneira o *Facebook* pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa?
-
12. Para o ensino de Língua Portuguesa, você utiliza o *Facebook* em suas aulas?
-